ISSN 2179-8745

# Boletim de Comércio Exterior da Bahia

## Fevereiro 2024

publicações SEI

# Sumário


## Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Fevereiro 2024, 3

## Importações, 7

## Apêndice A – Fevereiro 2024

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
Tabela IV – Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
Tabela V – Exportações brasileiras – Regiões
Tabela VI – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela VII – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela IX – Exportações baianas – Fator agregado
Tabela X – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela XI – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
Tabela XII – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela XIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela XIV – Importações brasileiras por regiões
Tabela XV – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XVI – Importações nordestinas por Estado
Tabela XVII – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XVIII – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XIX – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XX – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

## Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Fevereiro 2024

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Exportações brasileiras – Regiões
Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela VII – Exportações baianas – Fator agregado
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela IX – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
Tabela X – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela XI – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela XII – Importações brasileiras por regiões
Tabela XIII – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XIV – Importações nordestinas por estado
Tabela XV – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XVI – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XVII – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XVIII – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos



SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Governo do Estado Bahia – Secretaria do Planejamento

**Governo do Estado da Bahia**
Jerônimo Rodrigues

**Secretaria do Planejamento**
Cláudio Ramos Peixoto

**Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**
José Acácio Ferreira

**Diretoria de Indicadores e Estatística**
*Armando Affonso de Castro Neto*

**Coordenação de Acompanhamento Conjuntural**
*Arthur Souza Cruz Junior*

**Elaboração Técnica**
*Arthur Souza Cruz Junior*
*Henrique Rocha Reis (estagiário)*

**Coordenação de Disseminação de Informações**
*Marìlia Reis*

**Editoria-Geral**
*Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais*

**Coordenação de Produção Editorial**
**Editoria de Arte**
**Projeto Gráfico**
*Ludmila Nagamatsu*

**REVISÃO ORTOGRÁFICA**
*Laura Dantas*

**EDITORAÇÃO**
*Nando Cordeiro*



*Av. Luiz Viana Filho, 4ª Avenida, 435, CAB*
*Salvador (BA) • Cep: 41.745-002*
*Tel.: (71) 3115 4733*
*www.sei.ba.gov.br • sei@sei.ba.gov.br*

As exportações baianas voltaram a contrair em fevereiro em 20,5%, comparado ao mesmo mês de 2023, depois do crescimento verificado em janeiro. O valor das vendas externas baianas alcançou US$ 636,3 milhões no mês passado. Os dados do mês mostram que o fator determinante para o desempenho negativo foi a queda de 37,5% nos volumes exportados pelo estado, na comparação com fevereiro de 2023, ao passo que os preços médios dos produtos comercializados aumentaram 27,2%.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia**
**Jan.-fev. – 2023/2024**

**(Valores em US$ 1000 FOB)**

| Discriminação | 2023 | 2024 | Var. % |
|---|---|---|---|
| Exportações | 1.532.199 | 1.553.554 | 1,39 |
| Importações | 1.704.152 | 1.301.595 | -23,62 |
| Saldo | -171.953 | 251.959 | - |
| Corrente de comércio | 3.236.350 | 2.855.148 | -11,78 |

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 8 mar. 2024, em http://comexstat.mdic.gov.br
Elaboração: SEI.
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A queda nas exportações no mês passado foi causada por uma redução de 53,2% nas vendas da indústria de transformação, puxada por uma queda de 87,3% nos embarques dos derivados de petróleo, de 49,1% no setor metalúrgico, de 47,2% no setor químico/petroquímico e de 15,6% no de papel e celulose.

Já no setor agropecuário houve avanço de 63,4% nas vendas ao exterior, com ganhos em soja, algodão e café, frutas e fumo. Na indústria extrativa, o aumento foi de 200,2%, fruto do grande aumento no embarque de minério de cobre, de níquel e magnesita.

Ainda assim, a queda na indústria de transformação superou os ganhos dos demais setores, principalmente o refino, que desde o segundo trimestre do ano passado não vem exportando grandes volumes de derivados, por conta da estagnação dos preços do petróleo no mercado internacional. Contribuiu também o declínio das vendas externas rumo à Argentina, que amargaram queda de 43,2% no bimestre, já que o país, até então, é o terceiro maior destino para produtos industrializados baianos.

A China permaneceu como maior destino para as exportações estaduais no bimestre, com crescimento de 125% no comparativo interanual e 28% de participação.

O comércio mundial continua sem um árbitro global e não se sabe quando voltará a ter um. É o que se infere a partir do fracasso da última reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC). Não houve acordo sobre novos avanços em termos de liberalização das trocas globais. E nem quanto à retomada do mecanismo de solução de controvérsias, o que significa que a OMC não tem mais o poder de fazer cumprir as regras atuais de comércio.

A reunião ministerial, da qual participam todos os países-membros, é o órgão decisório da OMC. O debate sobre liberalização do comércio agrícola está completamente travado pela exigência da Índia de isenção das restrições de subsídios à formação de estoques governamentais de alimentos. Sem acordo nessa questão, o restante da agenda é bloqueado pelos indianos.

A reforma do mecanismo de solução de controvérsias da OMC também não avançou. O órgão de apelação da entidade, uma espécie de tribunal que julga as disputas no comércio global, está paralisado desde 2019 devido à recusa dos EUA de indicar juízes. Os EUA alegam que o órgão vinha extrapolando as suas funções ao criar jurisprudência em suas decisões. Isso começou com Donald Trump e continua com Joe Biden.

O único mísero resultado da última reunião foi a prorrogação da moratória de cobrança de impostos sobre transmissão de bens por meio eletrônico, que interessava aos EUA e às grandes empresas de tecnologia.

No âmbito plurilateral, isto é, em negociações nas quais participa quem quiser e não são obrigatórias para todos os países, houve alguns entendimentos, como em facilitação de investimentos. Mas os EUA não estão dentro, e países como Índia e África do Sul não querem permitir que acordos plurilaterais façam parte do arcabouço da OMC.

A OMC foi uma importante conquista do chamado sistema multilateral, isto é, um modelo de governança global por meio de negociações e consenso. Esse sistema ajudou a abrir o comércio e a impulsionar a economia mundial nos últimos 30 anos. A OMC é o único órgão internacional no qual as grandes potências são obrigadas a seguir as decisões colegiadas e não têm poder exclusivo de veto.

Mas a crescente tensão entre EUA e China e o avanço de ideologias políticas nacionalistas pelo mundo

colocaram o sistema multilateral em uma crise existencial e reduziram o apetite por mais abertura comercial. A OMC foi perdendo a capacidade de impor as suas regras e acabou sendo esvaziada. Essa crise do multilateralismo é ampla e está afetando outras áreas, como as negociações climáticas.

Não há a perspectiva de esse cenário melhorar no curto prazo. A oposição dos EUA à OMC continua, mesmo com Biden. Os democratas, que tradicionalmente são mais protecionistas, não têm apetite para abertura no comércio exterior. E a alternativa nos EUA é o republicano Donald Trump, que detesta a OMC e o sistema multilateral. Ele quer que os EUA estejam livres para usar como bem entenderem o seu poderio, seja militar ou econômico. É a política do "*Make America Great Again*" (a chamada Maga, isto é, tornar os EUA grandes novamente) e do "*America First*" (os EUA primeiro). Na atual campanha eleitoral, Trump já prometeu aplicar tarifas punitivas contra produtos chineses e adotar uma sobretaxa contra todas as mercadorias importadas pelos EUA, ignorando as regras comerciais da OMC.

Sem a OMC e as suas regras, vale a lei da selva no comércio global, o que é bom para os países mais ricos e poderosos e ruim para países como o Brasil. As exportações brasileiras, sobretudo as do agronegócio, ficariam sujeitas ao sabor do protecionismo nos parceiros comerciais. Isso reduziria a previsibilidade das exportações, o que prejudicaria os investimentos e, ao final, resultaria em menor crescimento econômico. Ainda sem a OMC, países com tendência protecionista, incluindo o Brasil, poderiam se tornar ainda mais protecionistas, gerando uma espiral para baixo no comércio mundial, que ficaria cada vez mais controlado pelos governos nacionais. A reatividade da Índia, por exemplo, não é nova no sistema comercial global. Mas costumava ser contrabalanceada pela iniciativa e pela liderança dos EUA e da UE. Mas agora Washington se desinteressou, o que deixa a OMC à mercê da rejeição sistemática dos indianos.

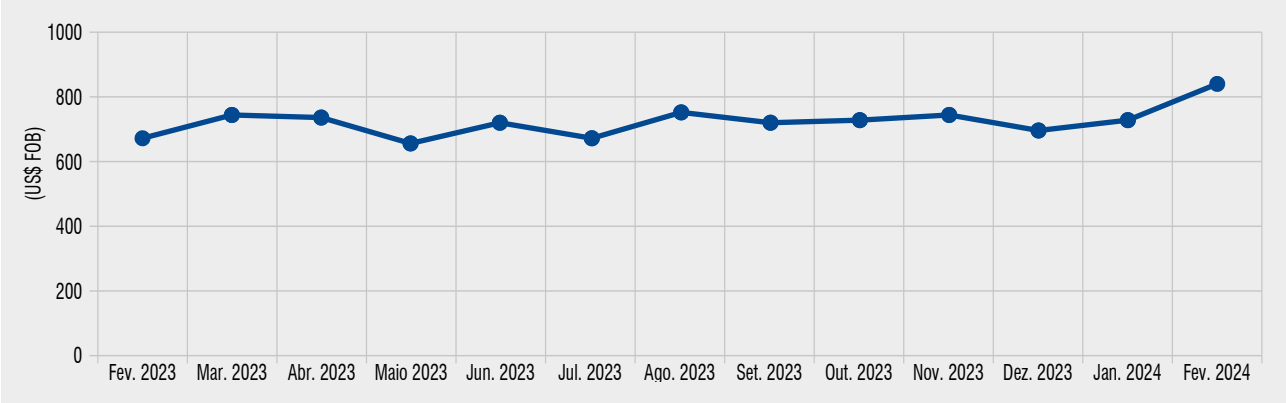
A OMC não vai acabar, pois isso seria um enorme retrocesso na governança global. No entanto, está cada vez mais perdendo relevância. A reunião ministerial deixou claro que o sistema internacional de comércio precisa ser reformado, mas não há acordo sobre como reformá-lo. O custo econômico dessa paralisia acabará sendo elevado.

A lição da história é que transformar o comércio numa força positiva exige que o democratizemos. Essa é a única maneira de garantir que ele sirva ao bem comum, em vez de a interesses estreitos – lição importante para se ter em mente à medida que reconstruímos o regime do comércio mundial nos próximos anos.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram avanço pelo segundo mês consecutivo em fevereiro. Eles subiram na média 15,2%, ante o mês imediatamente anterior, ficando 24,1% acima quando comparados ao mesmo mês do ano passado.

Há pressões no custo do transporte marítimo. Em todo o mundo, os preços estão subindo para os transportadores. Mais de 50 navios fizeram fila para cruzar o

**Gráfico 1 – Evolução dos preços médio mensal das exportações baianas – 2023-2024**




Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em mar. 2024
Elaboração: SEI.

Canal do Panamá recentemente – desde navios-tanque transportando gás propano até navios de carga carregados de alimentos. Uma seca prolongada levou a operadora do canal a reduzir o número de travessias, resultando em esperas mais longas. O pedágio que os navios pagam no canal estão hoje cerca de oito vezes mais caras que o normal.

A mais de 11 mil quilômetros de distância, os navios que transportam contêineres através do Canal de Suez, no Egito, aguardam escoltas navais ou evitam completamente a passagem e acabam fazendo uma viagem muito mais longa ao redor da África do Sul. Os operadores de navios temem que as suas tripulações possam correr perigo nas viagens através do Mar Vermelho devido a ataques de mísseis ou drones de um grupo rebelde baseado no Iêmen.

Os problemas do Suez são geopolíticos e os do Panamá são baseados no clima, mas ambos estão embaralhando o comércio global. Os volumes de carga através dos canais de Suez e do Panamá caíram mais de 30%. Centenas de navios foram desviados para rotas mais longas, resultando em atrasos nas entregas, custos de transporte mais elevados e prejuízos econômicos.

A soja e seus derivados permaneceram na liderança da pauta no bimestre, com embarques que totalizaram 772 mil toneladas, o que representou um aumento de 117% frente ao bimestre do ano passado, resultando em uma receita de US$ 376,6 milhões (92,1% maior que em igual período de 2022), mas com preços médios inferiores em 11,5% no comparativo interanual.

Os grandes destaques continuam sendo o algodão e as frutas. Para o algodão, a produção prevista para o ano deverá atingir 1,78 ton., que representa aumento (2,4%) em relação ao ano passado. A área plantada com a fibra aumentou 4,1%, para 379 mil hectares, em relação à safra de 2023. Já as frutas, continuam com alta nos preços (que subiram 25,2%, no comparativo interanual) e crescimento de 55% nas receitas.

A valorização das frutas é justificada por alguns fatores: no caso da manga, foi a onda de calor que afetou outros países produtores, como Espanha, Equador e Peru. Já a uva teve mais demanda de mercado após um incêndio em áreas de cultivo nos Estados Unidos.

A Bahia produz de forma irrigada no semiárido, com abundância de sol durante todo o ano. Assim, caso

**Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-fev. – 2023/2024**

| Segmentos | Valores (US$ 1000 FOB) | | Var. % | Part. % | Var. % Preço médio |
|---|---|---|---|---|---|
| | 2023 | 2024 | | | |
| Soja e derivados | 196.083 | 376.624 | 92,07 | 24,24 | -11,46 |
| Petróleo e derivados | 472.549 | 219.371 | -53,58 | 14,12 | 14,99 |
| Papel e Celulose | 218.363 | 227.022 | 3,97 | 14,61 | 2,25 |
| Químicos e petroquímicos | 152.780 | 131.899 | -13,67 | 8,49 | 0,91 |
| Metais preciosos | 82.640 | 99.747 | 20,70 | 6,42 | -70,82 |
| Minerais | 43.666 | 116.076 | 165,83 | 7,47 | -1,84 |
| Algodão e seus subprodutos | 40.441 | 141.917 | 250,93 | 9,14 | 1,66 |
| Metalúrgicos | 77.363 | 33.624 | -56,54 | 2,16 | -34,65 |
| Frutas e suas preparações | 14.861 | 23.024 | 54,93 | 1,48 | 25,17 |
| Cacau e derivados | 27.059 | 31.572 | 16,68 | 2,03 | 36,83 |
| Borracha e suas obras | 33.912 | 32.940 | -2,87 | 2,12 | 5,28 |
| Café e especiarias | 31.321 | 46.537 | 48,58 | 3,00 | -10,36 |
| Milho e derivados | 83.629 | 5.486 | -93,44 | 0,35 | -23,05 |
| Calçados e suas partes | 13.239 | 13.258 | 0,14 | 0,85 | 16,67 |
| Sisal e derivados | 15.453 | 11.525 | -25,42 | 0,74 | -6,57 |
| Couros e peles | 7.081 | 8.745 | 23,50 | 0,56 | -1,56 |
| Carne e miudezas de aves | 4.961 | 5.025 | 1,29 | 0,32 | 10,16 |
| Fumo e derivados | 3.328 | 6.149 | 84,75 | 0,40 | 17,39 |
| Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos | 2.385 | 8.717 | 265,47 | 0,56 | 99,49 |
| Demais segmentos | 11.084 | 14.295 | 28,97 | 0,92 | -32,08 |
| **Total** | **1.532.199** | **1.553.554** | **1,39** | **100,00** | **14,22** |

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 8 mar. 2024, em http://comexstat.mdic.gov.br
Elaboração: SEI.

algum país tenha alguma quebra de safra, seja por problema climático, doenças nas plantas ou mesmo que a demanda seja maior do que a oferta, a Bahia e o Vale do S. Francisco têm condições de fornecimento.

Em 2024, é possível que se tenha um novo crescimento no volume exportado de frutas, mas não nas receitas de exportação. O motivo é que não se espera uma nova quebra tão grande de safra dos países concorrentes. Por outro lado, ainda se espera a manutenção de bons preços durante boa parte do ano.

No setor industrial, houve uma redução de 53,2% nas vendas da indústria de transformação, puxada por uma queda de 87,3% nos embarques dos derivados de petróleo, de 49,1% no setor metalúrgico, de 47,2% no setor químico/petroquímico. Este último passa por um avanço constante do produto importado no consumo aparente nacional, um alerta que vem sendo feito já há alguns anos pelo setor, resultado da concorrência desafiadora de produtos asiáticos, com destaque para os chineses. A presença desses produtos no mercado brasileiro, muitas vezes resultante de práticas como *dumping* ambiental e subsídios públicos, dificulta consideravelmente a competição para a produção doméstica brasileira.

A indústria enfrenta desafio estrutural desde 2010. Ela teve anos positivos que apenas recompuseram parcialmente a queda de períodos anteriores. Há baixo dinamismo do ponto de vista produtivo, que vem acoplado com baixo investimento, que resultou em deterioração das competências de alta tecnologia e contribuiu para déficits estruturais na balança da indústria de transformação.

Já a indústria extrativa teve aumento de 200,2%, fruto do grande aumento no embarque de minério de cobre, de níquel e magnesita. Há esperado aumento de produção para os minerais metálicos dos próximos meses. O aumento de produção deve continuar a sustentar a exportação desses produtos.

Em relação aos destinos, a China vem ampliando sua presença na pauta exportadora baiana, atingindo uma participação de 28,1% das vendas baianas ao exterior no bimestre, ante 12,7% no mesmo período do ano passado. Em crise econômica, houve o declínio das vendas externas rumo à Argentina, no primeiro bimestre, reduzidas a apenas 3,8% de participação, ante 7% no comparativo interanual. O país continua em fase desfavorável. Já há dificuldades de divisas e o ajuste de preços relativos tem levado a forte desaceleração da demanda, fazendo com que o país empobreça.

As importações também diminuíram 14,5%, ante o mesmo mês do ano passado, atingindo US$ 621,1 milhões. A origem da queda das importações é creditada ao baixo dinamismo da indústria de transformação, cuja produção caiu 1,8% em 2023; queda também nas compras de combustíveis, que se retraíram em 28,5%. Mas também houve recuo de alguns preços internacionais, influenciados pelas cotações de *commodities*, como derivados de petróleo e produtos químicos.

A boa notícia é o crescimento das compras de bens de capital em 45,3%, principalmente de motores, máquinas e barras de ferro para construção civil.

No bimestre, as exportações baianas atingiram US$ 1,55 bilhão, com crescimento de 1,4% no comparativo interanual. As importações acumularam despesas de US$ 1,30 bilhão, com queda de 23,6%. Com isso, o saldo da balança comercial do estado atingiu US$ 252 milhões, contra um déficit de US$ 172 milhões no mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio (soma de exportações e importações) teve redução de 11,8%, alcançando US$ 2,85 bilhões.

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-fev. – 2023/2024**

**(Valores em US$ 1000 FOB)**

| Discriminação | 2023 | 2024 | Var. % | Part. % |
|---|---|---|---|---|
| Bens intermediários (BI) | 1.055.225 | 800.282 | -24,16 | 61,48 |
| Combustíveis e lubrificantes | 541.772 | 396.581 | -26,80 | 30,47 |
| Bens de capital (BK) | 82.266 | 79.030 | -3,93 | 6,07 |
| Bens de consumo (BC) | 24.812 | 25.258 | 1,80 | 1,94 |
| Bens não especificados anteriormente | 77 | 444 | 473,86 | 0,03 |
| **Total** | **1.704.152** | **1.301.595** | **-23,62** | **100,00** |

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 8 mar. 2024, em http://comexstat.mdic.gov.br
Elaboração: SEI.
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

SEI
SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO